

TENSA COMO AS CORDAS DE UM VIOLINO: A LITERATURA EM MAURA LOPES CANÇADO

JARDIM, Alex Fabiano Correia¹
CUSTÓDIO, Márcia Moreira²

RESUMO: A escritora Maura Lopes Cançado (1929-1993), nascida em São Gonçalo do Abaeté-MG, inaugura a escrita autobiográfica de autoria feminina louca na literatura brasileira. Em sua obra autobiográfica *Hospício é deus – diário I*, publicada em 1965, destaca-se a rubrica da loucura, constituindo-se assim em letra descentrada na arena literária do contexto de sua publicação. Circunscrita tanto no campo do conhecimento histórico como na área da criação artística, sua literatura se revela uma singular experiência do escrever-existir, fruto de uma vida atropelada pela violência social, moral e psiquiátrica. Nessa perspectiva, sob a ótica crítica de Blanchot (2005), Deleuze (1997) entre outros, esse texto problematiza o emblemático diário dessa autora mineira, compreendendo-o como a potência de uma escrita enquanto uma ‘dobra sobre si mesmo’, indicando de que modo autora e personagem se implicam, compõem-se e expressam percepções em relação ao real e à ordem constituída.

PALAVRAS-CHAVE: Obra autobiográfica, Loucura, Escrever-existir.



1Doutor em Filosofia. Professor do Depto de Filosofia, do Mestrado em Estudos Literários e do Mestrado em Filosofia na Universidade Estadual de Montes Claros, MG. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Filosofia, Ciências Humanas e Outros Sistemas de Pensamento/CNPq e Coordenador do Canal Agenciamentos Contemporâneos – www.youtube.com/agenciamentos. Email: alex.jardim@unimontes.br

2Doutora em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes); Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG - *Campus* Pirapora; E-mail: marciamcustodio72@gmail.com

*Figura 1. A escritora Maura Lopes Cançado - AJB / Agência O Globo/11/04/2014.
Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/a-mineira-maura-lopes-cancado-comeca-ter-sua-obra-redescoberta-12184270#ixzz4mdq5NRqL>*

Aclamada como revelação da literatura brasileira em seu tempo por nomes como Ferreira Gullar e Carlos Heitor Cony, a escritora Maura Lopes Cançado nasceu em 1929 em São Gonçalo do Abaeté, interior de Minas Gerais. Filha de uma rica e tradicional família de “grande prestígio financeiro, social e político” (CANÇADO, 2016, p. 23), cresceu cercada de mimos do pai e dos irmãos mais velhos, adquirindo, com isso, um espírito egoísta e excessivo. Sua infância e juventude se delineiam longe dos padrões de conduta das meninas de sua época. Sobre sua personalidade, ela mesma se descreve em seu diário como “uma criança excepcional, monstruosamente inteligente e sensível, perplexa e sozinha” (CANÇADO, 1991, p.21), que aprendera a ler sozinha aos cinco anos de idade.

Parte da infância Maura passou no interior mineiro, onde o pai era um importante fazendeiro na região, como ela mesma narra, indo, mais tarde, cursar o primário em Patos de Minas. Em Belo Horizonte, estudou no colégio Sacré-Coeur de Marie. Aos 14 anos fez parte de um aeroclube, foi uma das primeiras mulheres no Brasil a obter brevê de piloto. Conheceu então um jovem aviador com quem se casou apesar das reivindicações contrárias do pai. Seu filho Cesáron nasceu desse casamento, desfeito 12 meses depois. Aos 15 anos, Maura possuía um avião teco-teco prefixo PP-RXK, um filho recém-nascido e um casamento desfeito. Seu pai morreria pouco tempo depois, a quem se referiu no diário como “sustentáculo de todos os meus erros – meu grande e único amor” (CANÇADO, 1991, p. 24).

Reside por alguns anos em Belo Horizonte vivendo de excessos, contudo sente-se deprimida, o que a leva à sua primeira internação³, em 1949. Maura estava com 19 anos quando ocorreu essa sua primeira internação em clínica psiquiátrica. Internou-se pela primeira vez em um sanatório para doentes mentais, essa seria a primeira de muitas de suas internações

3 No trabalho de Scaramella, os documentos mostram que a primeira internação de Maura foi entre 20 de abril e 20 de maio de 1949, na Casa de Saúde Santa Maria LTDA, em Belo Horizonte, aos 19 anos, quando lá residia. A segunda foi no Rio de Janeiro, em 1957, no Hospital Gustavo Riedel, Centro Psiquiátrico Nacional, no Engenho de Dentro, mesmo local onde se internou em 1959 e escreveu parte do seu diário. Essa primeira internação se deu entre novembro de 1957 e fevereiro de 1958. Contudo, segundo Maura, houve outras internações antes das realizadas no Engenho de Dentro, como a da Clínica de Repouso do Alto da Boa Vista e a do Sanatório da Tijuca.

voluntárias⁴, iniciando, assim, uma série de passagens por sanatórios. A imagem idealizada que a narradora fazia de hospício endossou sua crença no poder curador e protetor da instituição. Indo de encontro às suas expectativas, o espaço manicomial desvela-se, no decorrer das internações, como um ambiente frio, um lado sombrio do existir. E nesse movimento do escrever-existir, que ela, de maneira ácida, caracteriza a partir da própria experiência, a sociedade vigente. E, para isso, coloca-se em constante estado de tensão: “Estou tensa como as cordas de um violino. Se relaxar, eu morro” (CANÇADO, 1992, p. 185). A escritora deixa esse fato marcante registrado no seu diário:

Nesta época internei-me pela primeira vez em sanatório para doentes mentais. (Já eu tinha dezoito anos). Ninguém entendeu o motivo desta internação, a não ser eu mesma: necessitava desesperadamente de amor e proteção. Estava magra, nervosa e não dormia. O sanatório parecia-me romântico e belo. Havia certo mistério que me atraía. (CANÇADO, 1991, p. 62).

Vivendo deprimida e de excessos em Belo Horizonte, Maura gasta toda a herança, levando-a a mudar-se para o Rio de Janeiro onde, na década de 1950, trabalha primeiro no Ministério da Educação e depois, entre 1958 e 1961, como colaboradora no *Jornal do Brasil*, na seção do *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, o *SDJB*, publicando contos e poemas.

No registro do dia 16/12/1959 do diário é possível verificar relatos do início de sua chegada ao Rio de Janeiro, época em que passou por recorrentes crises depressivas que a levaram à sua internação na Casa de Saúde do Alto da Boa Vista e no Sanatório da Tijuca.

Vivi um ano com muito dinheiro, em completo desequilíbrio psíquico. Não aceitava

⁴Em *Aproximações entre o movimento feminista e o antimanicomial*, Daniela Lima, também biógrafa de Maura Lopes Cançado, apresenta a pesquisa de Juliana Vacaro, que analisou prontuários de mulheres internadas no Hospital Nacional de Alienados e no Sanatório Pinel durante a década de 1930. A partir desses dados Lima afirma que, daqueles, “muitos diagnósticos se apoiavam fragilmente em discursos de familiares ou em comportamentos então considerados desviantes dos estereótipos de gênero” (LIMA, 2016). A recorrência dessas justificativas para internações nos prontuários indicam uma tentativa de enquadrar fenômenos de mudanças sociais como “traços desviantes de personalidades individuais” (LIMA, 2016). Segundo Vaccaro, esses dados não significam que não houvessem mulheres internadas em manicômios que realmente passavam por “algum tipo de sofrimento psíquico”, mas também não podemos desconsiderar o fato de que grande parte das internações, assim como das altas clínicas, ocorressem em função da vontade de familiares. Grande parte dos diagnósticos eram feitos com base apenas em relatos de pais, maridos e irmãos, “categorias médicas eram substituídas por categorias morais na avaliação”, assim “ilusões e alucinações” tinham o mesmo valor medicalizante de “pudor, (e) indiferença pelo meio social ou pela família” para um diagnóstico de doença mental.

aquela situação, sobretudo pela minha dependência financeira. Sempre ameaçada por uma crise, tomada de completa depressão (passava vinte ou mais dias trancada em meu apartamento de hotel, ouvindo música e chorando), ou muita exaltação, fiz um eletroencefalograma, que acusou disritmia cerebral generalizada. (CANÇADO, 1991, p. 99).

Devido à sua personalidade em constante alteração emocional, Maura experimenta o lado ameno e obscuro do tratamento psiquiátrico. A sequência do drama vivido no Sanatório da Tijuca é registrada no dia 16/1/1960. No texto fica bem caracterizado o tratamento violento ao qual os pacientes eram submetidos pelos médicos e enfermeiros como prática disciplinar:

Um dia, em que um dos médicos entrou na seção, pedi-lhe com arrogância que me deixasse sair. Fingiu não escutar-me. Irritei-me: '- Se o senhor continuar negando-se a ouvir-me, quebrarei toda esta seção. Darei um verdadeiro *show*'. Ele não respondeu. Olhou para o enfermeiro que o acompanhava. Subitamente me vi atirada ao chão por um golpe. Fiquei surpresa e humilhada. Olhei para o médico e perguntei-lhe: '-O senhor teve coragem? Como pôde?' Riu e disse: '-Ainda vai dar o *show*, dona Maura? Ainda vai?' Muitas internadas presentes olhavam-me quietas. Levantei-me impotente e humilhada. Imediatamente o enfermeiro atirou-me ao chão. (CANÇADO, 1991, p. 139).

Outras internações aconteceram, numa das quais, em 1972, na Casa de Saúde Dr. Eiras, é acusada de matar uma paciente por estrangulamento. Foi considerada inimputável pela justiça e condenada a viver em um hospital de custódia. Por falta de hospitais adequados, viveu entre uma prisão e outra.

Em 1978, Margarida Autran publica uma matéria no jornal *O Globo* sobre Maura, na época em que a escritora se encontrava presa na Penitenciária Lemos de Brito. A repercussão provocou a comoção por parte de seus antigos colegas escritores do Jornal do Brasil, entre eles José Louzeiro, Nélida Piñon, Antônio Houaiss, Rubem Fonseca, Cícero Sandroni e Evaristo de Moraes Filho, que, diante disso, formaram uma comissão, pelo Sindicato dos Escritores do Município do Rio de Janeiro, e solicitaram a transferência de Maura para a Casa de Repouso Corcovado, em Jacarepaguá. Maura fica lá até 1980, ganhando, depois disso, liberdade vigiada. Não escrevia mais. Morreu em 19 de dezembro de 1993, em razão de uma doença pulmonar.

De maneira discreta, a estreia oficial na literatura aconteceu em 24 de agosto de 1958, quando o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, um dos mais importantes da imprensa brasileira à época, publicou quatro poemas de Maura, constituindo-se local de concentração do

movimento concretista da década de 60, ambiente de vanguarda que Maura frequentou mesmo quando interna no Centro Psiquiátrico Nacional de Engenho de Dentro. Pouco tempo depois a escritora publicou seus dois únicos livros: *Hospício É Deus* em 1965⁵, diário em que relata sua passagem pelo Hospital Gustavo Riedel no Engenho de Dentro entre 1959 e 1960, e *O Sofredor do Ver* em 1968, seleção de doze contos, dos quais seis retomam a temática da loucura e da internação psiquiátrica.

Constituindo-se uma produção representativa da literatura nacional contemporânea, seu diário *Hospício é deus* retrata um universo caótico, impregnado de violência e solidão, trazendo à tona a questão do indivíduo enclausurado tendo que administrar suas próprias angústias, medos e incertezas. Transformar o tratamento da loucura em fator de punição opera em Maura escritos de urgência. Com a nítida intenção de expor seu sofrimento - “Com o que escrevo poderia mandar aos ‘que não sabem’ uma mensagem do nosso mundo sombrio” (CANÇADO, 1991, p. 31) - e, ao mesmo tempo, em busca de sentido para a sua existência - “Cerca-me o Nada. O Nada é um rio parado de olhar perdido” (CANÇADO, 1991, p. 55) -, autora se faz personagem, transmutando-se em texto, num dolorido ato de transfiguração, o que se nota ao lermos a seguinte passagem: “Pretendo mesmo escrever um livro. Talvez já o esteja fazendo, não queria vivê-lo” (CANÇADO, 1991, p. 55). Todavia, num gesto de coragem, Maura desafia o poder institucional e social, inscrevendo-se em primeira pessoa, com o nítido objetivo de denunciar a marginalidade dos loucos: “Gostaria de escrever um livro sobre o hospital e como se vive aqui. Só quem passa anonimamente por este lugar pode conhecê-lo” (CANÇADO, 1991, p. 55). Ela então relata, em suas experiências, os signos do preconceito e da solidão, elementos que, aliados aos valores sociais mineiros, formam alguns dos pilares concorrentes para o desenvolvimento da loucura que vive e sofre.

⁵*Hospício é Deus*, livro dedicado, não por acaso, à psiquiatra Nise da Silveira, é um espaço de experiência limite e de denúncia por excelência. Na obra, Maura revela o funcionamento do hospital antes da reforma psiquiátrica, ela escreve de dentro do hospício, como interna e não como pesquisadora, a partir de sua experiência vivida e não de uma experiência observada, o que dá a obra de Maura um caráter inevitavelmente potente. Um relato comovente, entre tantos outros, que dá conta de nos colocar na dimensão da experiência e compreender o abismo profundo aberto pela separação entre racionalidade e loucura, abismo que funciona como lugar de descarte de todos aqueles que não se encaixam na normalidade, inclusive a normalidade posta para os gêneros.

Numa angustiante gradação, a obra parte da memória de experiências de uma infância nostálgica numa fazenda do interior de Minas Gerais ao absurdo da existência no interior do manicômio. Nesse itinerário, Maura, produtivamente, faz-se a própria temática da loucura na obra. Em seu diário transparece o seu sentimento de não pertencer a lugar nenhum. A solidão e o medo encontram nas ‘flores frias’ do hospício um meio de “fugir para algum lugar, aparentemente fora do mundo” (CANÇADO, 1991, p. 28). Diluída em texto, Maura, em sua percepção absolutamente sensível do passado, é afetada pela sua relação com os eventos presentes. Trata-se de uma certa contração do tempo, não como uma evocação de um passado para fins de uma reconstrução. Não é disso que se trata. Falamos de um passado redescoberto, mas este, munido de novas percepções e experimentações; partindo de memórias que ocorrem e surgem no intuito de reforçar a relação de oposição existente entre um possível mundo reconfortante, que está no passado, e um mundo repleto de conflitos e violências, que representa o presente.

O dilema expresso na narrativa diarística de Maura contrapõe-se à lógica de exclusão sobre a qual se assenta a sociedade, na qual se originam e legitimam estigmas, em que uma coisa anula outra: ou se é louco ou normal, ou se é artista ou não se possui nenhuma criatividade, ou se é totalmente *eu* ou completamente diluído em vários *eus*. Não há espaço para meio termo. Em sua produção subjaz o entremeio: a sua loucura desliza para a normalidade ou vice-versa, sua fantasia criativa migra do real para o fantástico, ora seu *eu* se oblitera em múltiplas vozes, ora se afirma no pronunciamento em primeira pessoa. Nesse sentido, o texto da Maura se desenvolve numa composição singular de escrever-existir, na qual a tênue linha entre realidade e ficção por vezes se embaralha, sem que essa última necessariamente desqualifique a força da experiência, afinal, ela é o elemento fundamental para a construção do seu texto.

Ora, ainda que em Maura Lopes Cançado a loucura, da qual decorre seu comportamento antissocial, acarrete o isolamento da autora, essa solidão, no que tange às regras prescritas pela crítica literária e pela moral social, significaria de alguma maneira uma liberdade de se expressar contra a lógica da razão dominante. Assim, seja no plano factual, seja na ficção, Maura se constitui o exemplo vivo do fracasso das relações sociais estabelecidas, dos seus modelos e de suas perspectivas. O ‘devir-louco’ então se apresenta enquanto condição de crítica ao próprio meio, à sociedade e a suas exigências.

No entanto, embora suas obras ocupem um lugar singular na literatura brasileira, verifica-se que a sua literatura ainda não recebeu uma chancela representativa da crítica literária, constatado pelos tímidos trabalhos de cunho expressivo publicados sobre suas duas produções no cenário acadêmico. De fato, escritas potencializadas pela experiência do hospício como as de Lima Barreto⁶, de Carlos Sussekind⁷ e de Maura Lopes Caçado, autores diagnosticados loucos, causam estranhamento, pois, devido ao drama experienciado no espaço manicomial, carregam a rubrica da violência na escrita e remetem à recriação do eu. No período de lançamento dessas obras, a temática da narrativa dessas obras não interessou ao mercado editorial por não apresentarem um engajamento social requerido pela crítica, que denunciasse a política de censura exercida no Brasil durante o período de ditadura.

Devido a esse olhar distanciado da crítica, Maria do Socorro Vieira Coelho e Maria Inês de Moraes Marreco, no texto “Maura Lopes Caçado”⁸, por meio de um breve levantamento biográfico da vida da escritora buscam descobrir o véu que mantém a escritora de *Hospício é deus* afastada e desconhecida dos leitores e da crítica.

Autora de apenas duas obras, em 1965 lança seu primeiro livro, o diário *Hospício é deus – diário I*. Essa obra passou por quatro edições: a primeira, de 1965, saiu pela José Álvaro editor; a segunda saiu em 1979, pela editora Record, a terceira pelo Círculo do Livro, em 1991. Constando na ficha catalográfica como 5ª edição, em 2015 a Autêntica Editora lança um kit contendo as duas obras de Maura, *Hospício é deus* e o *Sofredor do ver*. Este se constitui em uma coletânea de contos que haviam sido publicados no *Jornal do Brasil* e no *Correio da Manhã*, tendo sua primeira publicação em 1968, pela José Álvaro Editor *Hospício é Deus*, escrito durante uma de suas internações no hospital psiquiátrico Gustavo Riedel, no Rio de

6 A obra *Diário do hospício* (1953), escrita por Lima Barreto durante a internação do autor no Hospício Nacional dos Alienados, no Rio de Janeiro, entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, denuncia a violência e as humilhações às quais os pacientes eram vítimas. Dessa mesma experiência, nasce a obra ficcional inacabada *Cemitério dos vivos*, escrita entre 1919 e 1920, cujo registro mescla autobiografia e ficção.

7 A narrativa do diário *Armadilha para Lamartine* (1976), de Carlos Sussekind, transita entre ficção e biografia, apresentando passagens que remetem à internação do autor no Sanatório Botafogo.

8 *Mulheres em Letras: antologia de escritoras mineiras* (2008), organizado por Constância Lima Duarte.

Janeiro, aos 29 anos⁹. Trata-se de um livro-diário em cujas primeiras páginas encontraremos um forte relato da sua vida, da infância até a mudança para o Rio de Janeiro, quando tinha 22 anos. Depois as anotações são marcadas por datas que vão de 25 de outubro de 1959 a 7 de março de 1960. Como disse a própria Maura, aos 18 anos foi internada pela primeira vez (Minas Gerais), mesmo estado em que nasceu em 1930.

Em *Hospício é Deus*¹⁰, a literatura que constrói uma biografia está marcada pelos valores tradicionais de uma educação patriarcal, por uma profunda e desorientada vontade de conhecimento, pelo pensamento concreto de uma vanguarda cultural, pelas experiências de internações em hospitais psiquiátricos, pela aguda sensibilidade de uma mulher-escritora-louca¹¹.

Para mulheres, os limites eram muito mais rígidos, e elas tinham que se encaixar no que era ser mulher, mãe e esposa. [...] Nem todas as mulheres que viveram na primeira metade do século XX escolheram viver a vida nas formas prescritas. Na população feminina do Sanatório Pinel, podemos encontrar inúmeras histórias de mulheres que buscaram certa autonomia frente às pressões que a sociedade lhes impunha, mas também mulheres que, mesmo desempenhando uma função a elas delegada, sofreram crises relacionadas a esses papéis. Essas manifestações, aos olhos das “instituições reguladoras”, foram vistas como sinais de demência e desequilíbrio mental. (VACARO, 2011, p. 10-11 *apud* LIMA, 2016).

9Sobre sua entrada no Gustavo Riedel Maura escreve: Estou de novo aqui, e isto é ---- Porque não dizer? Dói. (...) – Estou no hospício, deus. E hospício é este branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem no de volta e o recebemos: trêmulo, exangue – e sempre outro. (CANÇADO, 2016, p. 26).

10Esse Hospício-Deus, espaço onde tudo era público e deveria estar visível, luz fulgurante, capaz de destruir todo lampejo de resistência e apagar, em sua imensa clareza, qualquer traço de individualidade, reinava pelo poder da vigilância, pelo poder divinal da onipresença. Se Deus para Maura foi um amedrontante ser da infância “de quem nada se podia ocultar”, o hospício, por sua vez era “árido e atentamente acordado. Em cada canto, olhos cor de rosa e frios espiam sem piscar.” (CANÇADO, 2016, p. 27).

11Sua postura polêmica, por ferirem os bons modos da moral burguesa, levou a família a impedir que outros membros da família fossem estudar o ginásio em Belo Horizonte, como costumavam fazer. Como escritora, com efeito, verificam-se também algumas excentricidades, na medida em que, somando-se à sua condição de louca, a escrita de *Hospício é deus* acontece no interior de um sanatório - ambiente violento de degenerescência -, o gênero da obra hibridamente constituído com expressiva autonomia na criação, bem como a maneira como acontece a sua receptividade no ambiente literário. Esses fatores, portanto, distanciam-na de escritoras contemporâneas a ela, como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, entre outras, ao mesmo tempo em que inaugura um novo perfil de escritora feminina na literatura brasileira: o da escritora louca.

Movida pela sede de denúncia, em seu diário, a Maura narradora revela as condições de internação dos hospiciados brasileiros nas décadas de 50/60:

30/12/1959

Durvaldina tem um olho roxo. Está toda contundida. Não sei como alguém não toma providência para que as doentes não sejam de tal maneira brutalizadas. (...) abraçou-me chorando. Pediu-me que a tirasse de lá. O quarto é abafadíssimo e sujo. Fiquei mortificada, perguntei-lhe se sabia quem lhe batera, e ela: ‘Não. Alguém me bateu?’ (CANÇADO, 2015, p. 126-127).

É também do interior da autobiografia que Maura tece reflexões a respeito dos recursos de poder utilizados pelos hospitais psiquiátricos: “Todo médico precisa impor-se, apresentando-nos, embora falsa, sua presença mágica. Isto nos torna crédulos – e ainda mentirosos” (CANÇADO, 2015, p. 40), e até mesmo se debruça sobre problemas como o da expressão da loucura: “Mesmo, se chegar a uma dessas mulheres e falar-lhe, ficaremos ambas tão perplexas que o sentido da frase se perderá dentro do nosso espanto” (CANÇADO, 2015, p. 77).

Por todas essas singularidades, *Hospício é deus – diário I* pode ser compreendido como a obra pioneira da escrita autobiográfica de autoria feminina louca na literatura brasileira. Sua estrutura se delinea fora dos padrões de uma obra cujo gênero seja o diário. Os relatos datados constituem 111 registros, com início em 25-10-1959 e término no dia 7-3-1960. No entanto, precedendo a essas narrativas datadas, há um relato inicial construído por memórias que vão da infância até a adolescência de Maura. Outra diferença consiste nos relatos dos registros dos dias 11-11-1959, 22-11-1959 e 16-12-1959, que narram fatos passados, distantes da presente realidade do hospício na qual Maura se encontrava.

O título, outro fator curioso, tem na palavra “deus” a grafia com inicial minúscula, não que isso venha se constituir em algum tipo de ruptura em relação ao gênero diário, que causa estranhamento. Talvez a explicação esteja no próprio relato memorialístico, quando Maura descreve sua impressão sobre Deus: “Deus se me afirmou em razão da maldade” (CANÇADO, 1991, p. 19), sugerindo uma visão negativa a respeito da construção do Deus cristão, pautada no abstrato, na culpa e na crueldade. Desse modo, a leitura revela a existência de um conflito de Maura com a percepção negativa que a narradora tinha sobre Deus, o que pode ter contribuído para a inscrição do “deus” minúsculo e a sua possível relação com o hospício: “Hospício é não se sabe o quê, porque Hospício é deus” (CANÇADO, 1991, p.28).

Em vista do assunto abordado, *Hospício é deus – diário I pouco a pouco* chama a atenção da crítica e começa a ter a atenção e a recepção merecidas. É uma obra literária que em sua totalidade constitui um telos para onde norteiam as inquietações da escritora, ora porque seria possível identificar um rumo de resistência, ora porque haveria nela traços de busca de compreensão.

Essa (re) descoberta da literatura da Maura Lopes Cançado não implica apenas um olhar mais atento às suas qualidades estéticas na escrita, mas sua obra revela a necessidade de um olhar crítico a respeito dos discursos que se produziram historicamente sobre a loucura e, sendo a literatura esse espaço em que existe a busca de uma transversalidade em relação aos discursos que imprimem exclusão e interdição, é locus importante para uma análise mais atenta às instâncias de controle que se expressam através de espaços fechados de enclausuramento, dando a certos saberes um campo visível e material de ação, além de uma profunda apropriação da verdade sobre a ordem das coisas e dos homens.

No campo da criação artística a obra de Maura L. Cançado invoca o louco à fala, a produzir discurso. O louco (como a autora em questão) também pode tornar dizível aquilo que até então estava mudo, silenciado. Não se trata de um discurso desprezível, estranho ou ininteligível. Trata-se, na verdade, da entrada em cena de outro autor capaz de produzir um pensamento diferente daquela consciência médica fundamentada no discurso epistemológico habituada no binarismo erro e verdade, herdeiro do século XVII e XVIII, que classificava, observava, media, extraía um enunciado e determinava um objeto. Contrariamente, Maura e sua literatura descrevem a loucura como um tipo de linguagem secreta do delírio.

Falamos de uma obra cujos relatos mostram-se fragmentados, divididos em instantes descontínuos. Tempo e narrativa na escrita de Maura vão perdendo antigas representações (a partir da unidade do eu) e lentamente seu fio de continuidade e de memória (não é mais o tempo sucessão que está em jogo). É o acontecimento marcando as convergências e as divergências de todos os elementos de uma relação e sua expressão narrativa. Assim, Maura tece um diário em que passado e presente são reconfigurados. O ficcional recebe a rubrica do factual, da dor experienciada no hospício, imbricando corpo e expressão na narrativa. São as múltiplas imagens na superfície de um campo de experiência tornando-se sentido e constituindo em Maura Lopes Cançado uma “outra” noção de realidade.

No campo do conhecimento histórico a obra de Maura Lopes Cançado¹² se destaca como uma das memórias do enclausuramento de indivíduos “anormais” no Brasil de meados do século XX, sendo inclusive um importante documento para as lutas antimanicomiais posteriores, além de suscitar debates de gênero não só pela feminização da escrita (RICHARD, 2002, p. 133), como porque “o aparato manicomial¹³ era usado também para reprimir, normalizar, excluir as diferenças de gênero” (LIMA, 2016). Philippe Lejeune define a autobiografia como a “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

No entanto, Maura Lopes Cançado, ainda que escrevendo de dentro dessas engrenagens, consegue tensionar a armadilha da autobiografia. A escrita de caráter autobiográfico, nesse caso, é uma artimanha, uma estratégia para dar vazão ao fluxo da experiência-limite. Não se trata, e é importante ressaltar isso, de uma ruptura com o real. Contrariamente, é um mergulho no próprio real, na vida, tal qual ela se apresenta e no embate com a sociedade e tudo aquilo que a constitui no período: a psiquiatria enquanto uma ordem do saber, a noção de família e o manicômio. Instituição-maior na intenção de confinar os chamados inadaptados, perigosos e loucos. Para Blanchot (2005), a possibilidade de escape nos diários íntimos se dá quando esses deixam de funcionar como tecnologias de exame:

Aqueles que o percebem, e reconhecem pouco a pouco que não podem conhecer-se, mas somente transformar-se e destruir-se, e que prosseguem nesse estranho combate que os atrai para fora deles mesmos, num lugar ao qual não têm acesso, deixaram-nos,

12Maura, além de recomendada a escrever por seu amigo Reynaldo Jardim, e incentivada por enfermeiras e amigos próximos, recebeu meios para isso de seu médico. Sua situação era privilegiada no hospital, não tinha ordens de seguir a rotina do hospício porque ocupava-se da escrita, em seu quarto o móvel estranho à decoração do hospital, marcava o lugar de escritora.

13Em *O Holocausto Brasileiro* temos o relato das pessoas internadas que (...) tinham sido, a maioria, enfiadas nos vagões de um trem, internadas à força. (...) suas cabeças foram raspadas, e as roupas, arrancadas. Perderam o nome, foram rebatizadas pelos funcionários, começaram e terminaram ali. Cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros que perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos (BRUM, 2013 apud ARBEX, 2013).

segundo suas forças, fragmentos, aliás por vezes impessoais, que podemos preferir à qualquer outra obra. (BLANCHOT, 2005, 275-276).

Nas primeiras páginas de seu livro, Maura Lopes Cançado se dedica rapidamente - e com muita beleza – à construção de sua imagem, de uma personalidade dotada de história: mulher, jovem, rica, louca... Mas surpreende ao desembocar na “cidade de trajes cinzas” e inventariar um povo. Maura não escreve apenas para “impor uma forma de expressão a uma matéria vivida” (DELEUZE, 1997, p.12), não é seu objetivo primordial contar as próprias lembranças, sofrimentos e amores, mas descobre “sob as aparentes pessoas a potência de um impessoal” (DELEUZE, 1997, p.13), que aqui se chama loucura. “Dona Auda, dona Mariana, Isaac, Rafael, estes sim, e mais outros” (CANÇADO, 2015, p.27) constituem o povo de que trata *Hospício é deus*. “Talvez devesse escrever um conto para cada doente, se isto viesse a melhorar-lhes a sorte” (CANÇADO, 2015, 99).

Sob a máscara da própria identidade, Maura transita, em potência, pela cidade-hospício, enumerando narrativas que não tratam exclusivamente si. Não, não se trata de uma escrita solipsista, pelo contrário, sua voz ecoa como “enunciação coletiva de um povo menor, ou de todos os povos menores, que só encontram expressão no escritor e através dele” (DELEUZE, 1997, p.14). Desse modo, Maura restitui a humanidade negada às mulheres loucas internadas no hospício. Se a uniformidade do hospício as trata como números, Maura coloca em evidencia os sonhos, os sentimentos e as habilidades dessas mulheres esquecidas:

Dona Georgiana

Eu a conheci da primeira vez em que estive aqui. Parece-me que é esquizofrênica, caso crônico, doente há mais de vinte anos – não estou bem certa. Foi transferida para a Colônia Juliano Moreira e nunca mais a vi. Italiana, cantora lírica, eu a achava lindíssima apesar de não ser jovem. Possuía olhos azuis brilhantes, todo o rosto bonito e expressivo, aquele rosto surpreendente de louca. Estava sempre em grandes crises de agitação, andando desvairada pelo pátio, incomunicável, os pés descalços, geralmente suja de lama – seminua. Eu não frequentava obrigatoriamente o pátio. À tarde, quando ia lá pedia-lhe para cantar a ária Boheme, “Valsa da Musetta”. Dona Georgiana, recortada no meio do pátio, cantava, e era de doer o coração. As dementes, descalças e rasgadas, paravam em surpresa, rindo bonito em silêncio, os rostos transformados. Outras, sentadas no chão úmido, avançavam as faces inundadas de presença – elas que eram tão distantes. Os rostos fulgiam por instantes, irisados e indestrutíveis, me deixava imóvel, as lágrimas cegando-me. Dona Georgiana cantava: cheia de graça, os olhos azuis sorrindo, aquele passado tão presente, ela que fora, ela que era, se elevando na limpidez das notas, minhas lágrimas descendo caladas, o pátio de mulheres existindo em dor e beleza. A beleza terrífica que Puccini não alcançou:

uma mulher descalça, suja, gasta, louca, e as notas saindo lhe em tragicidade difícil e bela demais – para existir fora de um hospício. (CANÇADO, 2015, p. 61-62)

Minha nova companheira de quarto, velha alemã de noventa anos, é um caso muito sério. Deita-se às cinco horas da tarde, cai no sono imediatamente, às dez horas da noite, quando ainda não me deitei, levanta-se muito naturalmente: “Guten morgen. Bom-dia. Muito bom-dia para vocês”. Olho-a sem nenhum susto, aqui nada tem importância, pode ser mesmo de manhã e eu me tenha esquecido, respondo também bom-dia e continuo a ler e andar no corredor. Se a guarda é bem educada (como Dona Geralda), acha engraçado, busca convencê-la de que ainda é noite. Não muito convencida vem para minha cama, conversa comigo, e quando me canso de gritar, porque ela é surda, dá-me um beijo e volta a se deitar, intemporal. (CANÇADO, 2015, p. 79)

Ontem à noite, já bem tarde, estava lendo em minha cama; fui interrompida por um rancho carnavalesco, que passava na rua, em frente às nossas janelas. Logo depois entrou Dona Auda, dançando alegre, olhou pela janela, mexeu na gaveta da minha mesinha de cabeceira, encontrou um vidro de água oxigenada; “você bebe isto?”, “Não Dona Auda; é para o cabelo”. Falei apressada, lembrando-me dos vidros de remédio antianêmicos colocados na minha mesa por dr. A e ingeridos por ela de uma só vez, antes de qualquer intervenção de minha parte, antes mesmo de eu acreditar no que vejo.

- É para o cabelo?

E foi despejando sem mais uma palavra. Julguei boa ideia, resolvi ajudá-la.

- Ótimo, a senhora ficará mais bonita e mais nova.

Foi dormir de cabeça ensopada e fiz mil conjecturas: ficará bem? Ou mal?

Hoje de manhã, tonta de sono, avancei pelo corredor à sua procura. Ela estava lá: linda. A mulher dos cabelos de fogo. Busquei um pente e fomos ao espelho (ela tem os cabelos curtos, um pouco crespos e macios. São bonitos). Sentiu-se muito envaidecida, virava-se para todos os lados, enquanto eu fazia elogios. Ó, as mulheres, mesmo as dos hospícios. (CANÇADO, 2015, p. 166-167)

Em vista disso, compreendemos que a literatura de Maura, irrompendo da loucura, “é a medida da saúde quando invoca uma raça bastarda, oprimida que não para de agitar-se sob as dominações, de resistir a tudo o que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco na literatura” (DELEUZE, 1997, p.15). Sulco que, acreditamos, Maura foi capaz de abrir deixando-nos, não um contundente relato de sua experiência de internação hospitalar, mas a história de uma “cidade triste de uniformes azuis e jalecos brancos” (CANÇADO, 2015, p.67). Atingindo o que Deleuze considerou fim último da literatura: escrever na intenção de um povo excluído, invisibilizado, silenciado, um povo que falta (DELEUZE, 1997, p.15). Mas, como a incandescência de um vaga-lume, que surge e desaparece, os livros de Maura Lopes Cançado causaram furor na época de sua publicação, mas depois foram apagados e demoraram décadas para serem relançados, para voltarem a ser lidos, comentados, estudados. É importante perceber

que esse apagamento e/ou silêncio, não se devem necessariamente a uma questão de qualidade estética, antes disso, está intrincado de questões éticas, tal como tantas mulheres que tiveram suas individualidades apagadas nos hospícios, não simplesmente por questões médicas, mas por ideologias morais.

O movimento de revolução operado pela escrita de Maura, portanto, acontece com agressividade. Sendo um diário, uma compreensão reduzida sobre o gênero apontaria para uma produção subjetiva e intimista. No entanto, pelo caráter político constituído em prol da coletividade, *Hospício é deus* adquire um sentido mais amplo, pois se trata do resultado estético da expressão da experiência coletiva de vidas atropelada pela violência social moral e psiquiátrica através das lentes cinzentas de uma hospiciada. É um movimento de (sobre)vivência quando não há dúvidas e esperanças, só há o agora, “este branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem-no de volta, e o recebemos: trêmulo, exangue – e sempre outro” (CANÇADO, 1991, p. 28).

Considerações finais

Na literatura diarística de autoria feminina no Brasil, embora encontremos muitos nomes importantes, com leitores numerosos e vastos trabalhos acadêmicos sobre a produção literária do gênero, a questão da restrita presença de publicações de produções de autoria feminina louca, entretanto, não esconde que são ainda poucas as escritoras diagnosticadas loucas que têm acesso ao espaço literário. Por outro lado, como se verificou anteriormente, há pouca visibilidade desse tipo de produção de escrita feminina, ou seja, ainda que tímida, existe essa produção, porém tem recebido pouca atenção da crítica especializada, o que leva muitas vezes ao seu silenciamento. Por isso, focalizar a escrita autobiográfica feminina louca é uma tarefa que demanda não apenas mobilizar as forças da historiografia literária, mas, principalmente, iluminar a história e tensionar a compreensão de cânone do campo literário, de modo que questões como gênero do autor, condições de produção e o papel político do/da obra operem como fatores de deslocamentos, de desequilíbrio e até mesmo de extinção de discursos da ‘verdade’ socialmente determinados.

Sobre as produções literárias de Maura, a reflexão deve ser empreendida, ao mesmo tempo, de maneira específica e generalista. Enquanto a análise generalista diz respeito ao estudo do papel desse mesmo objeto dentro da história literária como um todo – contexto de produção e recepção da obra, o exame das especificidades busca dar conta das particularidades do objeto em si – seu espaço de produção, a autoria louca, a autoficcionalidade, sua perspectiva corporal de produção, e vanguardismo.

As obras dessa autora mineira, direta ou indiretamente, discorrem sobre a inadequação do diferente frente à realidade dos considerados “normais”. A investigação do inquestionável papel artístico de suas duas obras literárias contribui para elevar sua respeitável fortuna crítica, insuficiente em relação a sua riqueza literária. Desse modo, para uma parte da crítica, cujos posicionamentos dialogam com a ordem social moral constituída, Maura ocupa o lugar do obscuro, entendido aqui como aquela que está fora de cena, à margem.

Não obstante, é pelo viés literário que ela procurará caracterizar cada etapa no hospício (espacialidade que habitam justamente os que estão fora de cena), enfatizando que a loucura foi sendo constituída a partir de jogos de verdade em torno de si, isto é, um conjunto de práticas médicas com o objetivo de fundamentar princípios de inteligibilidade. Apesar de um certo esquecimento da sua obra, ela teve força suficiente para nos chegar até aqui e nós ainda podemos vislumbrar os lampejos de sua especial luminosidade. Sua sobrevivência pode ser observada ainda – signos e imagens potentes, registradas desde seus primeiros poemas publicados no *Jornal do Brasil*, até seu diário e contos. Dança de palavras que transpôs todo um horizonte para cair sobre nós e nos atingir, ainda que tais imagens se encontrem reduzidas à sobrevivência.

De fato, em função da experiência de hospiciada e de seu desajustamento com o mundo, o movimento operado na escrita por Maura compreende tanto a uma dinâmica produção estética como o de reorganização e percepção do mundo exterior. Longe dos modismos temáticos do campo literário do seu contexto, seu objeto artístico é, sobretudo, expressão e apreensão genuína, verdadeira e autêntica de suas sensações. Ainda que sua escrita não se engaje em propostas circunscritas aos interesses da crítica, sua singularidade, atingindo camadas universais imutáveis, acena para o dimensionamento atemporal da criação, alçando o local ao anespacial. No discurso estético e na linguagem da loucura de Maura vislumbra-se uma corrente

viva de criação: percepção e memória sensoriais exacerbadas, nos indicando um vertiginoso movimento em que a sua criação literária vai organizando um certo teatro e montando as peças do jogo, a tal ponto de a escritora se vê imersa, dobrada e redobrada em sua própria criação. Engolida por ela.

Hospício é deus é uma onda forte que nos sacode, puxando-nos e empurrando em direção ao vazio da linguagem e da morte. Nele Maura nos lança para um novo, para uma verdade dolorosa que aniquila: “Estou de novo aqui, e isto é _____. Por que não dizer? Dói.” (CANÇADO, 1991, p. 28). Se seu trabalho não acumula propostas politicamente engajadas a temas específicos de uma época, sua entrada na arena literária, portanto, delineia-se como irrupção, encerrando uma dimensão paradoxalmente produtiva da criação artística para o seu momento histórico. Afinal, escrever sobre si-mesmo (trata-se de uma mulher que escreve) é condição para que continue viva. No texto autobiográfico da autora, a escrita de si é a forma pela qual ela encontra no exercício do pensamento uma maneira de fazer da própria vida um problema.

O texto de Maura Lopes Cançado nos leva a fazer ou a realizar um breve aceno à história literária feminina, no sentido de frisar as dificuldades enfrentadas no passado pelas mulheres das letras, vale lembrar os recursos ou meios usados para dar vazão à voz. No firme propósito de verem seus trabalhos publicados e se defenderem da crítica, algumas mulheres driblaram regras e preconceitos, publicando trabalhos com pseudônimos: Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885) se identificava como Nísia Floresta, Maria Firmina dos Reis (1825-1917) assinava como Úrsula, Ana Lisboa dos Guimarães Peixoto Bastos (1889-1985) usava Cora Coralina, e outras mais que ousaram investir nas letras e viram suas palavras ganharem cor, inaugurando, com isso, um novo momento na história literária brasileira, revestindo de novos tons o campo literário e político brasileiro. Conforme explica Norma Telles, “no início do século, foi comum escritoras adotarem um pseudônimo para encobrirem a identidade e serem aceitas pelo público” (TELLES, 1997, p. 431).

No contexto da segunda metade do século XX, embora as obras de autoria feminina já contassem com uma certa receptividade crítica e editorial, não estavam livres de preconceitos. Tal como na atualidade, o terreno literário era mais ocupado por homens. Ainda hoje o contingente masculino segue sendo hegemônico. Tal fato se verifica nos catálogos das editoras,

nos resultados dos prêmios literários concedidos, nos programas dos cursos de Letras e na lista de convidados para as festas literárias que ocorrem no país. Embora essa presença masculina se desse com maior visibilidade nos anos 1950, não serviu de empecilho para a criação da obra Maura, porque escrever, para ela, era uma necessidade vital, portanto, inevitável. E é importante ressaltar, para fins de estilo da escrita, que sua narrativa, a maneira como a “história” é contada por Maura, está toda ela impregnada por um tipo de memória disjuntiva em que a intensidade fala mais alto do que a cronologia e a linearidade dos fatos. A memória de Maura é instável, maleável, renunciando à temporalidade linear em proveito dos tempos múltiplos, nos níveis em que o tempo e espaço se enraízam nos eventos do corpo.

Referências

- ARBEX, D. *O Holocausto Brasileiro*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- Lima Barreto. *Diário do hospício & O cemitério dos vivos*. Companhia das Letras, 2017.
- BLANCHOT, M. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CANÇADO, M. L. *O sofredor do ver*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1968.
- _____. *Hospício é deus: Diário I*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1991.
- _____. *O sofredor do ver*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- _____. *Hospício é deus: Diário I*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- COELHO, M. S. V. MARRECO, I. M. Maura Lopes Cançado. In: *Mulheres em Letras: antologia de escritoras mineiras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.
- Deleuze, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LIMA, D. *Aproximações entre o movimento feminista e o antimanicomial*. 2016. Disponível em < <https://blogdaboitempo.com.br/2016/01/12/aproximacoes-entre-movimento-feminista-e-antimanicomial/>> Último acesso em 04 jul. 2022.

SCARAMELLA, M. L. *Narrativas e sobreposições: notas sobre Maura Lopes Cançado*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2010.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

RICHARD, N. Arte, cultura, gênero e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SUSSEKIND, Carlos & Carlos. *Armadilha para Lamartine*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

A escritora Maura Lopes Cançado - AJB / Agência O Globo/11/04/2014. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/a-mineira-maura-lopes-cancado-comeca-ter-sua-obra-redescoberta-12184270#ixzz4mdq5NRqL>> Último acesso em 12 jun. 2022. Figura 01

TENSE LIKE THE STRINGS OF A VIOLIN: THE LITERATURE IN MAURA LOPES CANÇADO

ABSTRACT: The writer Maura Lopes Cançado (1929-1993), born in São Gonçalo do Abaeté-MG, inaugurates the autobiographical writing of crazy female authorship in Brazilian literature. In her autobiographical work *Hospício é deus – diaio I*, published in 1965, the rubric of madness stands out, thus constituting a decentered letter in the literary arena of the context of its publication. Circumscribed both in the field of historical knowledge and in the area of artistic creation, her literature reveals a unique experience of writing-existing, the result of a life trampled by social, moral and psychiatric violence. From this perspective, from the critical point of view of Blanchot (2005), Deleuze (1997) among others, this text problematizes the emblematic diary of this Minas Gerais author, understanding it as the power of writing as a 'fold over itself', indicating in what way author and character are involved, compose and express perceptions in relation to the real and the constituted order.

KEYWORDS: Autobiographical work, Madness, Writing-existing.